



Apresentação

Dossiê em Filosofia & Probabilidade

Intuitio, v. 11, n. 1, ano 2018

Nos últimos anos, a filosofia se beneficiou do uso de diversas ferramentas e recursos formais da lógica, matemática, linguística, estatística, entre outras áreas. É correto dizer que sem uma compreensão clara e apropriada de tais ferramentas grande parte da pesquisa filosófica contemporânea torna-se praticamente inacessível a pesquisadores, professores e estudantes da área. Em particular, o emprego de conceitos, definições e resultados da teoria da probabilidade tem se revelado valioso a diferentes domínios da filosofia, como a filosofia da ciência e a epistemologia (formal e tradicional).

Aqui mencionamos alguns exemplos. Apesar das várias objeções que têm sido levantadas ao longo dos últimos anos, a teoria Bayesiana da confirmação ainda é considerada a melhor teoria disponível sobre relações de suporte evidencial, propondo um tratamento preciso sobre os problemas da indução, da conjunção irrelevante, do paradoxo dos corvos, entre outros. O aparato da teoria da probabilidade também tem fornecido diferentes aplicações na epistemologia. O cálculo de Kolmogorov, as teorias de probabilidade imprecisa e de probabilidade comparativa oferecem diferentes tipos de modelagem de estados epistêmicos (em especial o de crença). Por sua vez, teorias da justificação – particularmente versões do evidencialismo e infinitismo – a noção de coerência, a epistemologia do testemunho e discussões sobre ceticismo também têm sido favorecidas pela utilização de métodos e recursos probabilísticos.

Além disso, questões de natureza filosófica sobre aspectos conceituais e formais da teoria da probabilidade constituem as principais linhas de investigação da área de filosofia da probabilidade. Questões como “o que significa dizer que algo é provável?”, “há diferentes tipos de probabilidade?” e “quais probabilidades são primitivas, categóricas ou condicionais?” têm despertado grande interesse de filósofos. Ou seja, o interesse filosófico não tem se concentrado somente em aplicações da teoria da probabilidade, mas se estendido a debates sobre a história,

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.11 – Nº.1	Julho 2018	p. 03-06
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	----------

interpretações e fundamentos da teoria da probabilidade, assim como eventualmente sobre consequências que decorrem do uso de tais técnicas.¹

Este dossiê apresenta uma pequena amostra do que está sendo realizado em pesquisas no campo da teoria da probabilidade nos departamentos do Brasil e do exterior. São no total 5 artigos, 3 em língua portuguesa e 2 em língua inglesa. Os artigos são fruto de alguns dos trabalhos apresentados no I *Workshop* em Filosofia & Probabilidade, realizado em outubro de 2017 na PUCRS.² Considerando que a pesquisa em teoria da probabilidade na filosofia ainda é muito recente no Brasil, a primeira edição do *Workshop* e o atual dossiê são, por assim dizer, os primeiros passos na tentativa de cobrir essa importante lacuna, além de promover e fomentar o desenvolvimento da pesquisa sobre o tópico nos departamentos brasileiros.

Abaixo fornecemos uma breve sinopse do conteúdo de cada artigo do dossiê. Aproveitamos para agradecer os autores pelo interesse, disponibilidade e contribuição inédita. Esperamos que seja a primeira de muitas colaborações!

No artigo de abertura “*Necessariamente, Provavelmente não sou um Zumbi*”, Danilo Dantas discute o argumento do zumbi negativo de David Chalmers. Em linhas gerais, o argumento conclui que o fisicalismo é falso a partir das premissas de que $P \wedge \neg Q$ é concebível – onde P é a conjunção das verdades e leis físicas e Q descreve alguma verdade fenomenal –, de que concebibilidade implica possibilidade e de que o fisicalismo e a possibilidade de $P \wedge \neg Q$ não são compatíveis. No seu artigo, Dantas torna clara a noção de concebibilidade negativa ideal pelo uso do conceito de raciocinador ideal: $P \wedge \neg Q$ é negativamente concebível quando um raciocinador ideal não acredita que $P \rightarrow Q$. No entanto, Dantas defende que $P \wedge \neg Q$ não é idealmente negativamente concebível para todo Q . Pelo uso de uma função de probabilidade cujo domínio é o conjunto dos mundos fisicamente possíveis, a alegação do autor é que a versão do argumento do zumbi apresentada não constitui um argumento conclusivo, tampouco *a priori*, uma vez que Q depende de informação empírica relevante.

¹ O crescente interesse na aplicação e discussão do aparato formal da teoria da probabilidade e suas diferentes interpretações na filosofia pode ser observado nas contribuições que aparecem no extenso volume intitulado *The Oxford Handbook of Probability and Philosophy*, publicado em 2016 pela *Oxford University Press* e editado por Alan Hájek e Christopher Hitchcock. O volume conta igualmente com artigos de referência sobre a utilização da teoria da probabilidade em diferentes domínios: não apenas na epistemologia e filosofia da ciência, como na filosofia da religião, ética, filosofia da linguagem, teoria da decisão, lógica, entre outros.

² Mais detalhes do evento em <http://www.editorafi.org/workshopprobabilidade>.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.11 – Nº.1	Julho 2018	p. 03-06
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	----------

No artigo “*Probabilities in Experimental Physics: Epistemic Lessons and Challenges*”, Thales Borrelly e Diana Taschetto discutem o papel e a importância da teoria da probabilidade na física experimental. Com foco particular nos conceitos de incerteza e medição, os autores expõem como geralmente físicos empregam o maquinário probabilístico para lidar com questões a respeito da medição de quantidades físicas. Em seguida, descrevem o que ficou conhecido como o método dos mínimos quadrados (*the least squares method* ou, simplesmente, LSM), que é considerado uma técnica para estabelecer qual conjunto de parâmetros de uma dada função melhor representa o comportamento de um determinado conjunto de dados. O seu artigo ainda oferece uma descrição histórica do conceito de incerteza e, em especial, do desenvolvimento do LSM. Por fim, Borrelly e Taschetto sugerem que a filosofia e a física são atividades que se complementam e que, quando trabalham em conjunto na tentativa de encontrar soluções para questões relevantes, ambas se beneficiam mutuamente.

Em “*O Argumento do Milagre comete a Falácia da Taxa-Base?*”, Pedro Bravo de Souza examina a objeção de Howson de acordo com a qual o argumento do milagre incorre na falácia da taxa-base. Segundo a versão probabilística do argumento, – assumindo que V e S representam respectivamente “a teoria T é aproximadamente verdadeira” e “a teoria T é bem-sucedida preditivamente” – a conclusão de que $\text{pr}(V | S)$ é grande (acima de 0.85) decorre das premissas de que $\text{pr}(S | V)$ é grande e $\text{pr}(S | \neg V)$ é extremamente pequena. Para Howson, no entanto, $\text{pr}(V | S)$ será grande somente se $\text{pr}(V)$, a probabilidade prévia de V (*prior*), assumir um valor acima de 0.2, considerado não-negligenciável. Após distinguir diferentes tipos de reações à objeção de Howson, o autor investiga se a formalização do argumento apresentado satisfaz dois alegados critérios metafilosóficos: similaridade e fecundidade. Na parte final do artigo, De Souza ainda discute se a versão probabilística preserva a intuição de que o argumento original do milagre é uma forma de inferência à melhor explicação.

Samuel Cibils em seu artigo “*Uma Abordagem Bayesiana ao Paradoxo do Prefácio*” analisa uma tentativa de resposta Bayesiana ao paradoxo do prefácio. Como o autor enfatiza, o paradoxo ameaça o princípio de consistência lógica como uma restrição dedutiva sobre crença (*simpliciter*) racional. Supondo que um agente S crê racionalmente em cada proposição de um conjunto de n proposições, pelo princípio de fecho da conjunção é igualmente racional para S crer na conjunção entre tais n proposições. Isso, em contrapartida, é inconsistente com a crença de que alguma das n proposições é falsa. Cibils nos mostra que existem duas maneiras pelas quais crença

pode ser entendida: uma tradicional na qual crença não admite graus (crença *simpliciter*) e outra, defendida por Bayesianos, que trata crença como um fenômeno gradual. Pelo apelo à tese Lockeana, princípio que conecta essas duas concepções de crença, Cibils reconstrói uma estratégia na qual é racional para *S* crer em cada uma das *n* proposições individuais, mas não é racional para *S* crer na sua conjunção, já que o grau de crença na conjunção ficaria abaixo de um limiar de suficiência para crença *simpliciter* racional. Cibils afirma que essa tentativa de resolução do paradoxo apela a considerações de independência, que parecem não refletir o caso do prefácio, e repousa na suposição de que o fecho da conjunção deve ser rejeitado.

No artigo final do dossiê, intitulado “*Syllogizing ad probabilem in Pseudo-Scotus*”, Guido Alt traz à tona uma contribuição histórica sobre os temas da probabilidade e da indução, especificamente na obra do medievalista Pseudo-Scotus. Inicialmente, Alt promove uma incursão sobre o tópico na obra aristotélica, situando o papel da indução na teoria proposta pelo Estagirita. Em seguida, ressalta a importância da teoria dos silogismos indutivos no pensamento de Pseudo-Scotus, sendo que este distingue quatro tipos distintos de, por assim dizer, procedimentos indutivos. Além de esclarecer o sentido de tais procedimentos, Alt os compara com abordagens aristotélicas e teorias do século 14. Baseando-se em alguns trabalhos contemporâneos, Alt sugere que raciocínios indutivos no pensamento de Pseudo-Scotus são considerados mecanismos que genuinamente geram uma conclusão universal provável.

Por último, gostaríamos de manifestar o nosso agradecimento a algumas pessoas que estiveram envolvidas na organização do *Workshop* ou foram importantes na edição e revisão dos artigos do dossiê. Somos gratos ao Fábio Caires pela oferta de publicação do dossiê na *Intuitio*, aos professores Roberto Pich e Luis Rosa pelo incentivo e ajuda na organização do *Workshop*, ao Lucas Margoni (Editora Fi) pela colaboração e ampla divulgação do evento, à Tatiane Marks pelo cuidado na edição e diagramação dos artigos e ao Gregory Gaboardi pela ajuda na revisão de um dos artigos do dossiê.

Os Organizadores
André Neiva
Felipe Medeiros

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.11 – Nº.1	Julho 2018	p. 03-06
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	----------